

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília (RIUnB) pelo editor, em 22 de dezembro de 2014, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 3.0, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.

Authorization granted to the Institutional Repository of the University of Brasília (RIUnB) by editor, at December, 22, 2014, with the following conditions: available under Creative Commons License 3.0, that allows you to copy, distribute and transmit the work, provided the author and the licensor is cited. Does not allow the use for commercial purposes nor adaptation.

REFERÊNCIA

RIBEIRO, Gustavo Lins. Identidade brasileira no espelho interétnico: essencialismos e hibridismos em San Francisco. **Série Antropologia**, Brasília, v. 241, p.1-28, 1998. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie241empdf.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

SÉRIE ANTROPOLOGIA

241

**IDENTIDADE BRASILEIRA NO
ESPELHO INTERÉTNICO. ESSENCIALISMOS
E HIBRIDISMOS EM SAN FRANCISCO**

Gustavo Lins Ribeiro

**Brasília
1998**

IDENTIDADE BRASILEIRA NO ESPELHO INTERÉTNICO. ESSENCIALISMOS E HIBRIDISMOS EM SAN FRANCISCO¹.

Gustavo Lins Ribeiro
Departamento de Antropologia
Universidade de Brasília

De há muito está claro, nos estudos de identidade, o seu caráter processual e contrastivo (Cardoso de Oliveira 1976), isto é, seu caráter relacional, altamente marcado pelas características dos contextos e de suas partes constitutivas, dos encontros com os “outros”. A premência da inclusão de forças globais e transnacionais para a análise da construção identitária implicou, por um lado, em uma nítida crítica ao essencialismo, por outro, em uma compreensão mais fluída do fenômeno encarado a partir de redes difusas, disseminadas, diferidas, fragmentadas, de estruturação do sujeito contemporâneo com suas vicissitudes (Marcus 1991, Ribeiro 1992). O entendimento da (des)-(re)construção de identidades, hoje necessariamente inserida nos quadros dos processos de desterritorialização/reterritorialização e da produção de novas ondas de hibridização (Canclini 1989, Pieterse 1995, Werbner e Modood 1997), traz consigo um desafio imaginativo enorme. Em última instância, como queria Elias (1994), o que está sendo anunciado pelas novas formas de integração em escala global, pelas mudanças na relação território/população/política, é uma transformação radical da noção de pessoa classicamente interpretada em conjunção com a relação público/privado; com a evolução dos direitos e deveres de indivíduos e coletividades; e com os modos de representar pertencimento a unidades sócio-políticas e culturais.

O âmbito mais inclusivo onde a fórmula território/população/identidade se expressa mais claramente é aquele do Estado-Nação. Nele cruzam-se controle econômico, político, militar e tecnologias de identificação definidoras dos agentes que legitimamente têm acesso a direitos e deveres internamente a uma vasta coletividade. É notório o caráter construído da Nação, da nacionalidade e do nacionalismo. Também é conhecido o processo seletivo através do qual um determinado segmento (muitas vezes étnica ou racialmente diferenciado) transforma, pelo exercício de sua hegemonia, uma perspectiva particular em projeto e imagens coletivos, naquilo, em suma, que é definido enquanto Nação (Williams 1989). O esforço homogeneizador do Estado-Nação e a sua eficácia só podem ser compreendidos se considerarmos a tremenda quantidade de energia social, política, econômica, cultural e institucional, historicamente aplicada na construção de uma hegemonia cuja internalização naturalizada por grupos e indivíduos apresenta-se claramente em situações conflitivas limites como a mobilização para a guerra (Hirst e Thompson 1996, veja também Habermas 1996).

Não deixa de ser curiosa, contudo, a transformação desta situação quando populações advindas de Estados nacionais específicos são etnicizadas por outras, no

¹ Este é o terceiro de uma série de trabalhos (Ribeiro 1998, 1998a) baseados em pesquisa de campo realizada, em 1996, entre emigrantes brasileiros na área da Baía de São Francisco (Califórnia).

novo Estado-Nação em que se encontram. A identidade nacional, ela mesma uma construção que se direciona para uma homogeneização instrumental de uma determinada população, se transforma, também instrumentalmente, em uma identidade étnica, isto é, em uma identidade contrastiva internamente ao âmbito de um outro estado nacional onde as diferenças são marcadas por distinções linguísticas e culturais, acima de qualquer coisa. É preciso ver que

“o conceito de etnicidade, definido em termos de segmentos que se encaixam, ou de grupos de interesses horizontais, é mais útil quando usado enquanto um rótulo para uma dimensão do processo de formação de identidade em uma mesma unidade política, mais especificamente o Estado-Nação. Para aumentar nosso entendimento da estratificação social, sua definição deve chamar a atenção para o papel das distinções culturais nas concepções de cidadania, lealdade e outros preceitos das ideologias nacionalistas institucionalizadas sob diferentes modos estatais de políticas de integração” (Williams 1989: 421).

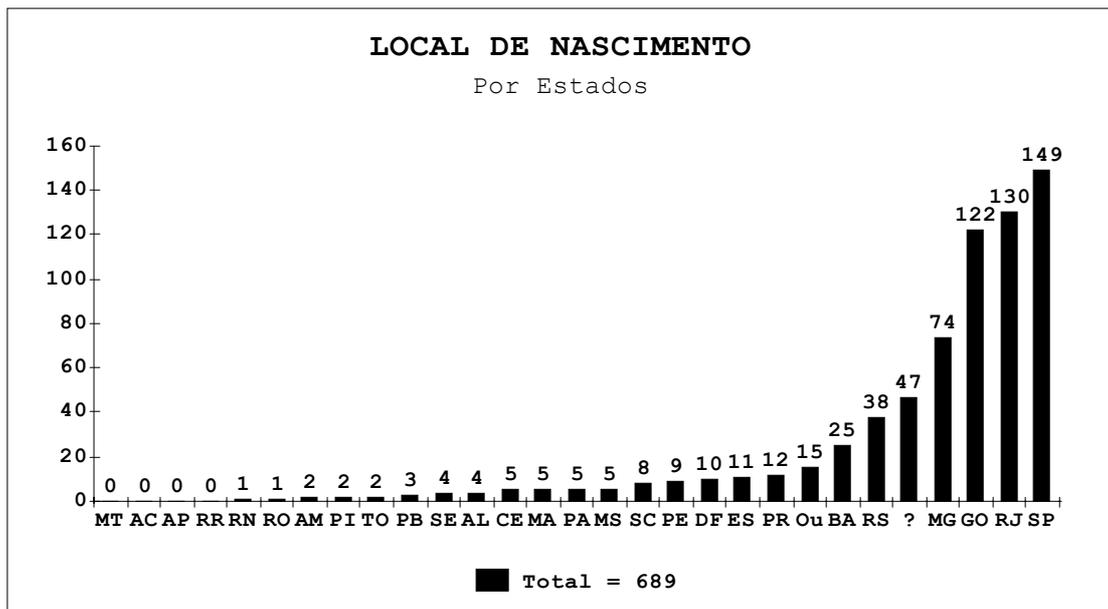
É neste âmbito que a experiência dos brasileiros emigrantes deve ser incluída. As ciências sociais brasileiras têm uma larga tradição de interpretar o Brasil e a cultura brasileira. Neste final de século, especificamente a partir de meados da década de oitenta quando se delineia pela primeira vez na história do país uma clara tendência emigratória para diferentes locais nos Estados Unidos, Paraguai, Japão e Europa, abre-se definitivamente a oportunidade de pensar, antropológicamente, a inserção de diferentes populações brasileiras em distintos Estados nacionais e sistemas interétnicos. Nestes jogos de espelho, novas pistas surgirão, especialmente a partir de contextos onde a alteridade e o estranhamento se imponham com força notável.

Em trabalho anterior (Ribeiro 1998a), a partir da apresentação do que denominei cenários e rituais de afirmação da identidade brasileira na *Bay Area* de San Francisco, procurei avançar nesta direção. Já que a dinâmica público/privado é crucial para a construção de identidades, centrei meu argumento sobre um continuum onde os cenários/rituais iam aumentando em visibilidade para os “outros” constitutivos da segmentação étnica em questão. Neste contexto, ficou claro o que informa a identidade brasileira: a comida, a música, a dança, futebol, rituais nacionais, o carnaval, especialistas do simbólico (pastores, jornalistas). Nada de novo. Todos os imigrantes carregam consigo formas e aparatos de reprodução cultural, até mesmo para domesticar o novo ambiente e apaziguar o stress da realocização e do estranhamento. Mas, há várias combinações possíveis. Umas apontam para a confirmação de essencialismos, das sinédoques típicas das construções de identidades sociais. Outras apontam para a formação de novos hibridismos.

Reembaralhando Essencialismos e Hibridismos

Apesar da diversidade da população brasileira na *Bay Area* de San Francisco, é notável a proeminência de pessoas nascidas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Dados do Consulado Brasileiro, mostram que estes cinco estados eram responsáveis, em 1994, por cerca de 75% do total de uma amostra de 689 pessoas.

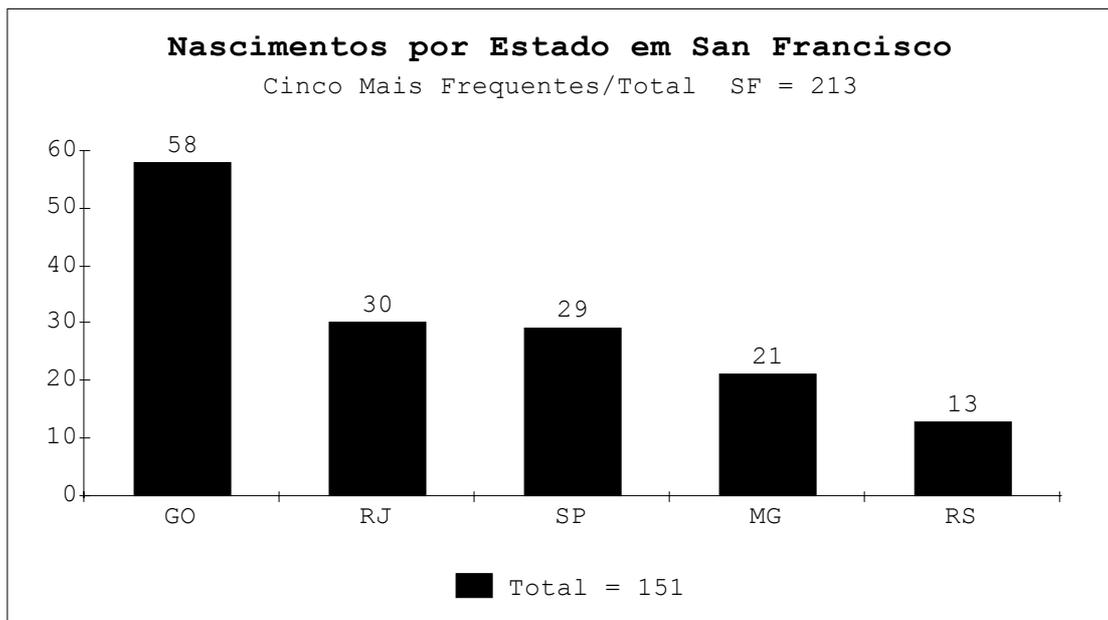
Gráfico 1: Local de Nascimento por Estados



“Aqui só tem goiano”. Esta afirmação corrente entre os imigrantes brasileiros é amplamente confirmada quando nos restringimos a cruzar estado de nascimento e residência na cidade e condado de San Francisco apenas, excluindo os outros condados que formam a *Bay Area*. No gráfico 2 os goianos saltam para o primeiro lugar com quase o dobro de paulistas e cariocas. É evidente a concentração dos goianos na cidade (Ribeiro 1998). Contudo, também é evidente que a representação que predomina sobre os brasileiros em San Francisco, tanto quanto os rituais de afirmação por eles performados, não se baseiam em metonímias que apelem à goianidade com os

estereótipos associados a um estado rural, do Centro-Oeste, onde gado, cerrado, piqui, o rio Araguaia e música *country* supostamente definiriam uma particularidade identitária.

Gráfico 2: Nascimentos por Estado dos Residentes em San Francisco



Fonte: Consulado Brasileiro

Em San Francisco, a identidade goiana que internamente ao Brasil seria definida por alusão ao nível local/estadual ou regional é, por força do contexto interétnico, subsumida à identidade nacional brasileira operando enquanto identidade étnica. A vivência da presença de um novo nível de integração, neste caso o internacional, reembaralha a força estruturante dos outros níveis (em especial, do local e regional) no processo de formação identitária. As sinédoques presentes tanto nas imagens pré-construídas do Brasil entre os americanos quanto nos âmbitos de afirmação identitária - sobretudo naqueles que denominamos de grandes cenários (Ribeiro 1998a) - apontam para uma identificação entre o Brasil e tropicalidade, dominada basicamente por uma

matriz carioca e uma variante baiana, secundária mas cada vez mais relevante e que se afirma tanto pela música, quanto pela presença crescente da capoeira.

As primeiras teorias nativas dos brasileiros emigrantes sobre “o que faz o Brasil, *Brazil*”, presumo, sairão dos mestres de capoeira que possuem discursos elaborados sobre o que sua atividade representa em termos de construção do corpo, da personalidade e, em especial, de fusões culturais. Uma pesquisa na Internet revelou que existem ao menos 50 grupos de capoeira espalhados pelos seguintes países: Alemanha, Austrália, Canadá, Colômbia, Dinamarca, Estados Unidos, Finlândia, França, Inglaterra, Israel, Itália, México, Portugal, Suécia, Suíça, Uruguai. Nos Estados Unidos está a maior quantidade com mais de 30 grupos. No *site da Capoeira Foundation*, de Nova Iorque, encontra-se, em inglês, o seguinte texto:

“A capoeira é uma benção para os negros da América do Norte pois em algumas das suas jingas, compartilhadas com **Mani**, a arte marcial negra de Cuba, eles podem facilmente perceber uma tradição comum que liga a arte brasileira e seus antecedentes Kongo-Angola a maravilhas do esporte como (...) as miríades que distinguem o basquete negro da forma original prebisteriana. Além disto, a explosão mundial do *break-dance* no verão de 1984 é impensável a não ser em termos da preparação cultural anterior efetuada por negros cubanos do Bronx, mais cenas de capoeira em um filme de Walt Disney (...) e finalmente a presença de Jelon e Loremil (dois mestres brasileiros, GLR), de novo, em Nova Iorque, entre 1975 e 1984. Hoje, à medida que a capoeira continua a crescer, cresce sua influência cultural, dando a este país uma forte tradição negra brasileira para compartilhar. (E termina em português, GLR) Saravá, Capoeira. Você está no Norte para sempre”.

Na *Bay Area* desde o final da década de 70, Mestre Acordeon, fundou em 1979 a *World Capoeira Association*. De acordo com ele “a escolha do nome Associação Mundial de Capoeira foi puramente uma expressão da terminologia americana e não implicava em nenhuma tentativa de assumir o controle da capoeira nos Estados Unidos ou em nenhuma outra parte do mundo. Os objetivos da organização eram manter meus estudantes juntos para aperfeiçoar a possibilidade de intercâmbio com outros capoeiristas através de *workshops*, viagens e publicações educacionais, e, sobretudo, consolidar um corpo de regras para o entendimento e respeito pela história, rituais, tradições e filosofia da capoeira para apresentá-la enquanto uma autêntica forma de arte brasileira” (Almeida 1986: 62).

Segato (1998: 14) considera que “a parte do Brasil que mais fortemente expandiu-se para os países percebidos como ‘brancos’ na América do Sul [Argentina e Uruguai, GLR] nos últimos anos foi a sua parte negra”. Certamente minhas observações em San Francisco corroboram esta afirmação e isto não se deve a uma grande presença de negros brasileiros naquela área, muito ao contrário. Porém, da feijoada ao samba, o Brasil é acima de tudo tropicalizado, essencializado como sensualidade, energia exuberante, quente e muitas vezes debochada. Veja o parágrafo introdutório de uma matéria do *The New York Times* que aproveita a visita do Papa ao Rio de Janeiro em outubro de 1997 para, ironicamente, dados os propósitos da viagem, veicular mais uma vez a estereotipia sobre o Brasil:

“Em um país onde nádegas nuas são comuns nas praias, bancas de revistas vendem abertamente vídeos pornográficos e a dança mais popular inclui girar o pelvis sobre uma garrafa de refrigerante, o Papa João Paulo II está apelando aos Católicos que retornem aos valores tradicionais de família” (Sims 1997: 8).

O lugar das mulheres brasileiras neste universo é central e tributário de uma feminização instrumental do outro subordinado, processo igualmente presente em distintas situações de contato interétnico (Ramos 1995, Grimson 1998). Metáforas como “os brasileiros são quentes” e os “americanos são frios”, recorrentes na dialogia interétnica, são índices tanto de uma reificação das imagens veiculadas nos circuitos da mídia (cada vez mais próxima a uma condensação de Zé Carioca, Carmen Miranda, floresta amazônica, samba e fio-dental) quanto de uma necessidade dos próprios brasileiros domesticarem o individualismo norte-americano com suas distâncias e marcações de zonas de interação que são percebidas como rígidas, limitadas e, frequentemente, desumanas². O contraste quente/frio também é indicativo de uma tendência dos brasileiros de projetarem na nova situação suas próprias cosmovisões (Ribeiro 1996). Aqui vale a pena apontar para a recorrência deste contraste e de outros estereótipos no imaginário interétnico que envolve populações brasileiras.

Em Nagoia, Japão, imigrantes nipo-brasileiros, diante das dificuldades de interação no espaço público, lançam mão da oposição quente/frio para classificar aos japoneses:

“diferenças na etiqueta de interação produzem em grande medida uma irritação nos brasileiros. A cortesia japonesa desencoraja perguntas pessoais diretas, salvo que o outro seja bem conhecido; os brasileiros vêem as questões pessoais como evidência de interesse e desejo de aproximação. O que pode ser respeito desde uma perspectiva japonesa é sentido como rejeição por um brasileiro. Esses equívocos de percepção culturalmente informados tendem a separar os dois grupos. As frustrações brasileiras dão lugar a uma celebração romântica e a uma sensação de falta de ‘calor humano’, uma qualidade supostamente ausente nos japoneses. Estereótipos dos brasileiros como ‘quentes’ e os japoneses como ‘frios’ obviamente desencorajam as tentativas de contato dos brasileiros” (Linger 1997: 198).

Achúgar e Bustamante (1996: 154-156), em um estudo sobre as imagens do Brasil na mídia uruguaia, destacam aquelas que associam o país ao calor tropical, alegria, música, carnaval e sensualidade. Schmeil (1994: 69) mostra como os turistas argentinos procuram em Florianópolis a “liberalidade, soltura, sensualidade e musicalidade” brasileiras. Para ela, o Brasil se transforma em uma “zona liminar argentina” visto que:

“sempre foi divulgado internacionalmente pelos meios de comunicação de massa através de imagens de um mundo tropical, quente e sem regras muito rígidas, como uma arena anti-estrutural. Muitas propagandas veiculadas em televisão mostram paisagens compostas de uma fauna e flora rica e colorida, onde mulheres morenas felizes seminuas e sensuais dançam ou caminham a beira-mar, ao sol quente, embaladas por um samba carnavalesco, acompanhadas

² É interessante, no entanto, que no âmbito das relações de trabalho propriamente ditas, os americanos são tidos como mais humanos do que os brasileiros, porque “tratam a gente como gente”.

de seu simpático e esperto malandro, que no meio do percurso pega uma bola e demonstra sua agilidade no futebol” (Schmeil 1994: 71).

A matriz metonímica geográfico-cultural da identidade brasileira é o Rio de Janeiro (veja também Achúgar e Bustamante op. cit.). Dada a importância da mídia na formação da comunidade imaginada nacional e na difusão de imagens internamente ao sistema mundial, não é de estranhar que, em conjunção com os processos históricos centralizadores e homogeneizadores típicos de quando exercia a função de capital federal, o Rio de Janeiro, com a sua importância no domínio de meios de comunicação de alcance nacional (sobretudo da televisão), tenha sido a fonte de representações que predominam sobre o Brasil. É fato: nos Estados Unidos dificilmente alguém sabe onde se localiza Goiânia. Porém, o Rio de Janeiro habita o imaginário americano sobre o Brasil, com uma intensidade maior do que São Paulo, a única metrópole brasileira que poderia ser classificada propriamente como cidade global (Sassen 1991).

Mas, além das sinédoques envolvendo a tropicalidade e a centralidade do Rio na construção da identidade brasileira, há que lembrar o reembaralhamento identitário provocado pelo novo contexto em San Francisco e a produção de novos hibridismos. Estão aqueles específicos, como tão bem ilustra o caso de um restaurante denominado *Taqueria Goiaz* onde o *burrito* mexicano convive com o peixe na telha goiano e, claro, a indefectível feijoada. Mais interessante ainda é o fato do Carnaval, aprendido nas **escolas** de samba, ser uma atividade interétnica na *Bay Area*. Está na hora de potencializar a riqueza da discussão antropológica brasileira sobre o carnaval e lançar-se ao estudo comparativo permitido pela globalização dos festejos em contextos os mais diversos que variam dos EUA, ao Japão, passando pela Suécia e muitos outros lugares³.

Passistas e músicos estrangeiros aprendem a sambar e a batucar com os brasileiros, muitas vezes representando-os em cenários públicos como o *Carnaval Parade* de San Francisco onde brilham carnavalescos e Rainhas goianos. Se a imitação de aspectos da cultura do outro dominador é um dos efeitos perversos da distribuição desigual de poder internamente aos sistemas interétnicos (as situações coloniais constituindo os casos limites) fazer a etnografia das **escolas** de samba e das academias de capoeira no exterior é um desafio certamente enriquecedor. Nelas, pessoas do segmento “dominador” são as que mimeticamente se aproximam do requebrado, do rebolado e da jinga malandra. Mas quem são esses aprendizes de sambistas em escolas de samba que são realmente escolas, isto é, local de aprendizagem formal? Representam o “outro dominador”? Quais suas trajetórias, passos das histórias de vida, que os aproximaram do samba, da capoeira?

Crianças e Casamentos Interétnicos

Existem duas considerações que dizem respeito diretamente à reprodução da população brasileira no exterior e remetem maiormente ao hibridismo. A primeira será apenas rapidamente mencionada e refere-se ao crescimento, ainda nos seus primórdios, da segunda geração de migrantes que, classicamente, vive uma ambiguidade maior do que a primeira geração, ainda que de forma diferente. A maior entrada na vida norte-americana, realizada sobretudo pela educação escolar, transforma as crianças em uma

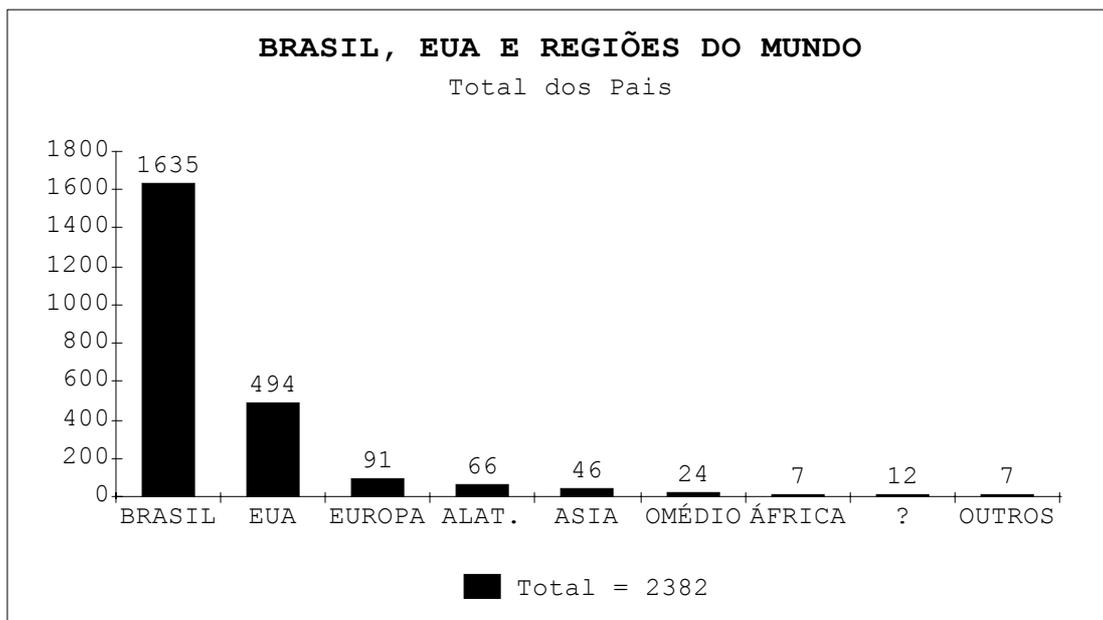
³ Linger (1997) refere-se à importância do samba para os imigrantes brasileiros em Nagoia, à fascinação que o carnaval exerce sobre alguns japoneses e à existência de uma escola de samba denominada Nova Urbana.

via de maior compreensão da cultura e língua locais. Os efeitos nas hierarquias internas aos grupos domésticos, sobretudo as intergeracionais, são rapidamente sentidos quando os pais dependem dos filhos até como tradutores. A inversão da relação de aprendizagem internamente ao grupo doméstico cria tensões que, no mais das vezes, procura-se remediar através do apelo ao passado que significa a terra de origem. Existe em San Francisco, entre umas poucas crianças brasileiro-americanas, a presença de um bilinguismo inverso ao dos pais. Isto é, a língua que mais dominam e que recorrem para a conversação entre seus pares, é o inglês. A (con) fusão linguística e cultural internamente ao grupo doméstico, ampliando as tensões e conflitos familiares, é comum em outras situações híbridas como a dos nipo-brasileiros no Japão⁴.

Minha segunda consideração refere-se aos casamentos interétnicos de brasileiros. Para aprofundarmos na compreensão da transformação de populações brasileiras em segmentos de sistemas interétnicos vastos e complexos, é importante fazer uma descrição quantitativa dos casamentos que os brasileiros estabeleceram com pessoas nascidas em outros países. O que segue está baseado em dados do Consulado Brasileiro em San Francisco, provenientes de certidões de nascimento de crianças registradas entre 1977 e 1995.

Gráfico 3: Lugar de Nascimento dos Pais das Crianças Registradas no Consulado.

⁴ Tomke Lask, comunicação pessoal.

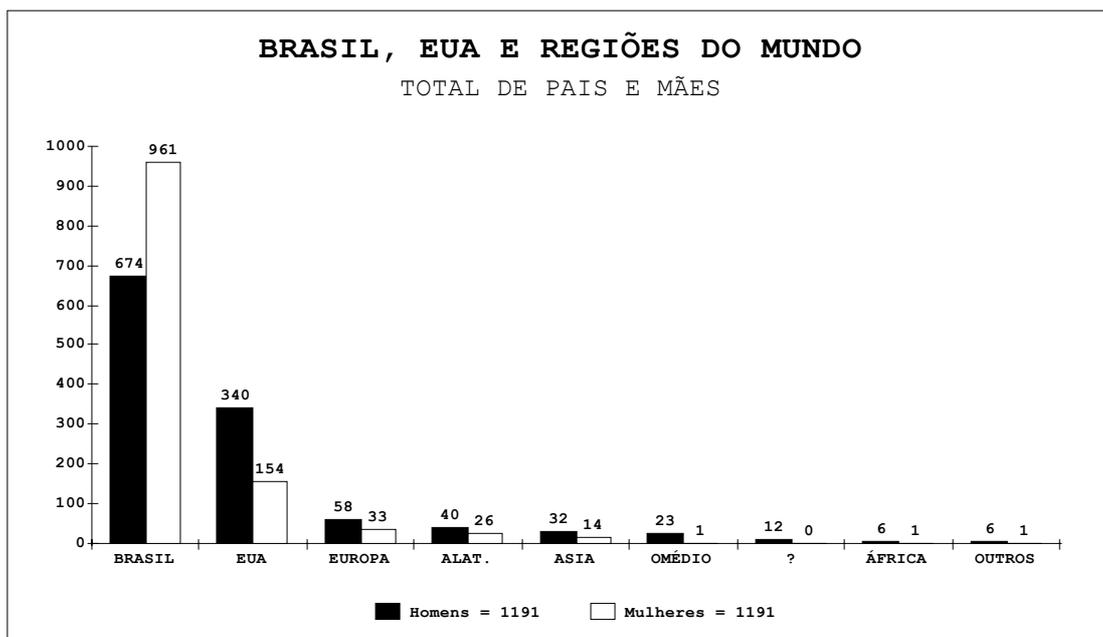


O gráfico 3 mostra a expressiva presença de 735 pessoas nascidas em países diferentes do Brasil, conformando 31% do total dos 2382 pais da área de jurisdição do Consulado (Norte da Califórnia, estados de Washington, Oregon e Alaska). Como seria de se esperar, o maior número é de norte-americanos correspondendo a 67,2% do total de 735. Chama a atenção o baixo número de latino-americanos, tendo em vista não apenas o fato de que os “hispanicos” são uma das maiores populações de migrantes em San Francisco e na Califórnia (13,9% e 25,8% respectivamente, de acordo com o Censo de 1990), mas sobretudo a relação especial mantida pelos brasileiros com este segmento, dada a proximidade linguística e cultural. Contudo, por trás desta pequena quantidade pode encontrar-se o perfil sócio-econômico da migração dos países latino-americanos (mexicanos, guatemaltecos e salvadorenhos, por exemplo) que,

diferentemente da predominância da classe média entre os brasileiros, se apresenta fortemente marcado pela presença de trabalhadores e *campesinos*.

O gráfico 4 discrimina a população de pais por sexo e mostra que há um maior número de mulheres (58,7%) do que de homens brasileiros, algo que evidentemente se reflete na maior quantidade de pais nascidos em outros países que têm filhos com mães brasileiras. Em geral, um rebaixamento de status acompanha o deslocamento do migrante, sobretudo quando indocumentado. Este fato leva a crer estarmos diante de uma tendência hipergâmica, isto é, mulheres de status mais baixo casando-se com homens de status mais alto. O menor número de pais brasileiros refletiria a mesma lógica pois que, tendencialmente, para as mulheres nativas o casamento com imigrantes frequentemente implicaria em uma baixa de status, em hipogamia.

Gráfico 4: Lugar de Nascimento dos Pais e Mães das Crianças Registradas no Consulado.



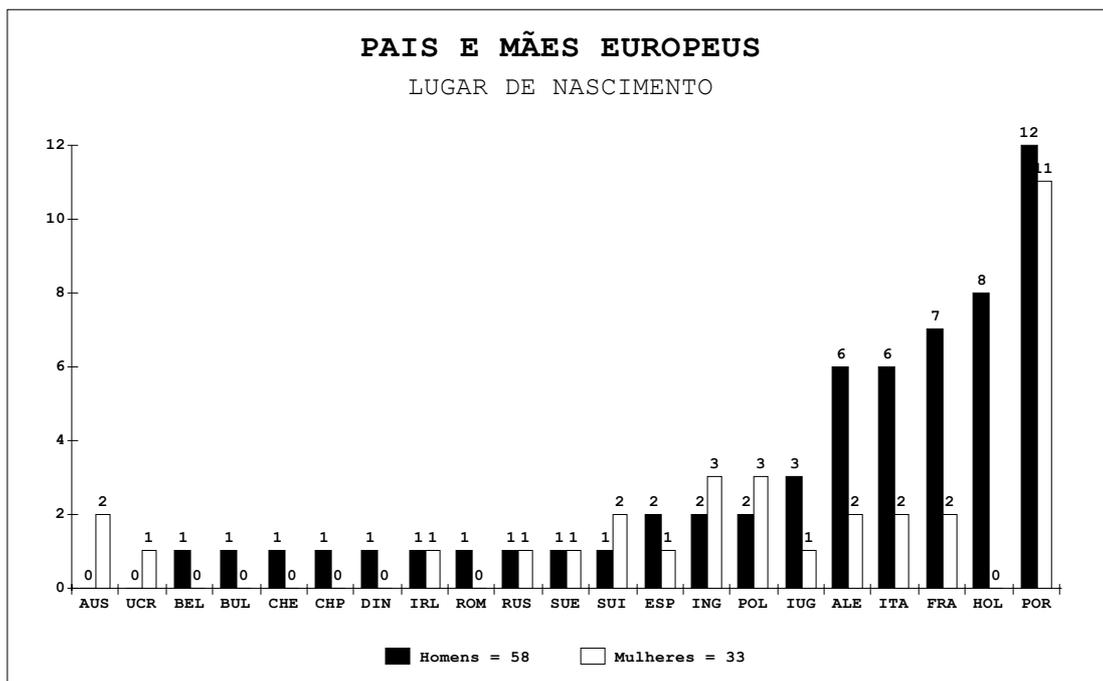
Passemos a ver estes números um pouco mais de perto. Entre os pais nascidos nos Estados Unidos a proporção de homens (340) e mulheres (154) é de 68,8% e 31,2%, respectivamente. Estas pessoas são nascidas na sua grande maioria, como seria de se esperar (com a exceção de uma destacada participação novaiorquina), nos principais estados da área de jurisdição do Consulado. O norte da Califórnia, vem, com 181 pessoas, em primeiro, Washington e Oregon, no segundo e quarto lugares, com 40 e 26 pessoas. Se somarmos às 247 pessoas destes estados os dois homens nascidos no Alaska, a área de jurisdição do Consulado contribui com 249 pessoas (167 homens e 82 mulheres), 50,4% do total. O estado de Nova Iorque, segundo mais populoso do país e localizado na distante costa leste, aparece, com 32 pessoas, em terceiro lugar,

indicando fluxo migratório privilegiado, sobretudo entre a área metropolitana da cidade de Nova Iorque e a costa oeste.

Das 735 pessoas nascidas em países estrangeiros, as de origem europeia configuram 12,4%. Os homens nascidos em países europeus que tiveram filhos com brasileiras, chegam a 63,7% do número total de 91 pessoas (gráfico 5). Apesar da Espanha só aparecer em nono lugar, nota-se uma tendência a relações com pessoas de origem latina. Portugal, França, Itália e Espanha são responsáveis por 47,2% do total dos europeus. O grande destaque dos portugueses (25,3% do total) revela mais uma vez a importância de fatores histórico-culturais e linguísticos na estruturação de fluxos migratórios. É sabido, por exemplo, que na costa leste dos EUA, onde se encontram algumas colônias portuguesas importantes, os portugueses tiveram papel preponderante no crescimento da população brasileira em áreas como Newark, na Nova Jérsei. Em geral, compartilhar a mesma língua é o fator com maior incidência nestes processos.

É interessante notar, no gráfico 5, o equilíbrio do número de relações entre homens portugueses e mulheres brasileiras e vice-versa (proporções de 52,2% e 47,8%, respectivamente). É difícil de determinar em que medida fatores linguísticos e culturais incidem aqui, sem o apoio de informações obtidas etnograficamente. Este equilíbrio se transforma drasticamente ao verificarmos o que ocorre entre holandeses. No universo das Certidões de Nascimento, contrastando com os oito homens holandeses, não há uma mulher holandesa com filhos com brasileiro. A proporção entre franceses é de 77,8% de homens para 22,2% de mulheres; entre italianos e alemães de 75 e 25%, respectivamente.

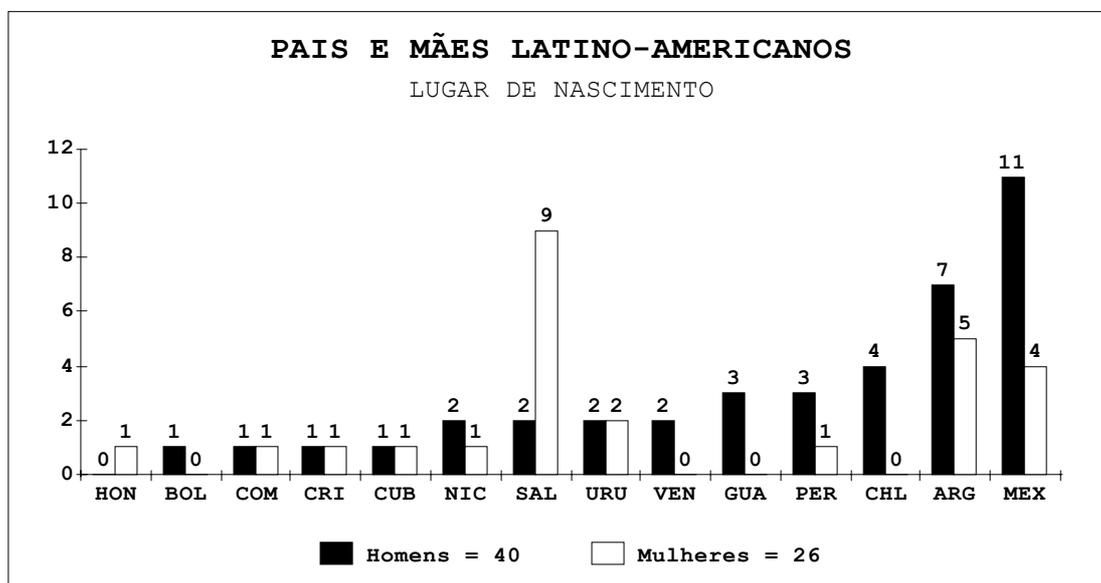
Gráfico 5: Homens e Mulheres Nascidos em Países Europeus



Já os 66 latino-americanos formam 9% dos 735 estrangeiros. A grande presença de pessoas nascidas em Honduras, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Guatemala e México, reflete a composição do sistema interétnico da área, onde predominam “hispanicos” desta origem. Elas contribuem com 53% do total dos latino-americanos. Cabe ressaltar a proeminência do México, com 15 pessoas (11 homens e quatro mulheres), compreensível dada a importância demográfica e histórica da migração mexicana para a Califórnia. De acordo com o Censo de 1990, do **U.S. Bureau of the**

Census, os mexicanos, com 21%, têm o maior índice de descendentes na Califórnia. O gráfico 6 apresenta uma particularidade interessante: o grande número de mulheres salvadorenhas (nove) que tiveram filhos com brasileiros. Em realidade, o contingente de salvadorenhas é dos mais expressivos com 11 pessoas. Notemos, ainda, a prevalência de sul-americanos, destacando-se aqui o número de argentinos (12) ocupando o segundo lugar nesta série.

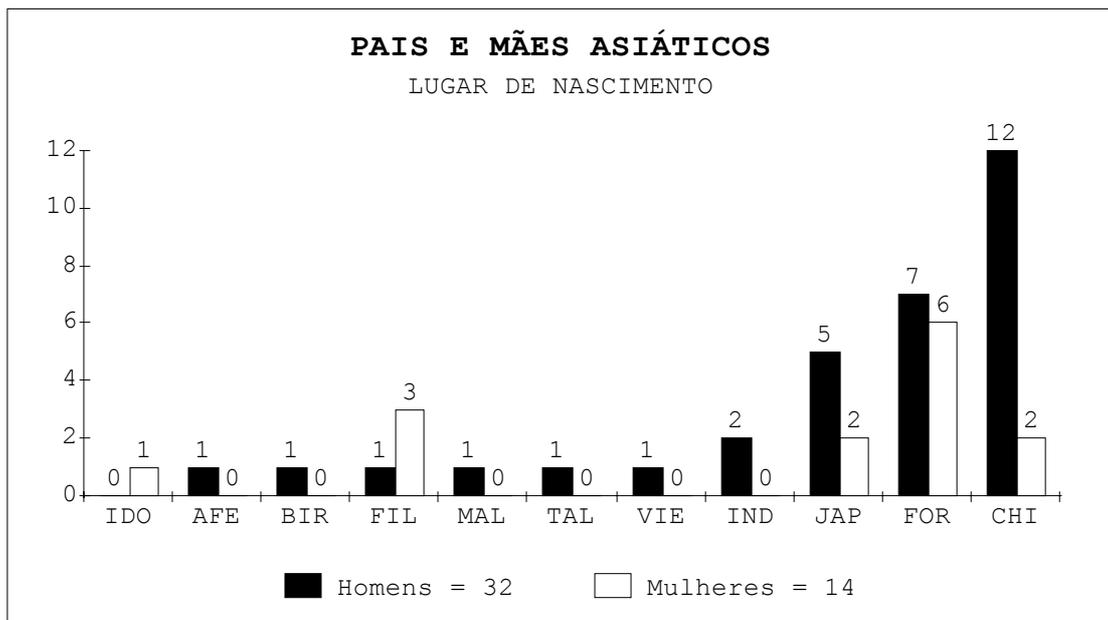
Gráfico 6: Homens e Mulheres Nascidos em Países da América Latina



Entre as pessoas nascidas em países asiáticos, há que ressaltar o surgimento de China e Formosa como países de grande presença relativa. Certamente, este fato reflete a importância da população chinesa em San Francisco. No Censo de 1990, o segmento de “asiáticos”, conforme a classificação interétnica norte-americana, vem em segundo lugar após o de “brancos”. Este último com 337.118 pessoas (46,6%), é o maior de San Francisco, seguido pelos “asiáticos” com 205.686 pessoas, ou seja, 28,4% do total da população da cidade. É preciso notar, ainda, que as oito mulheres nascidas na China e

em Formosa, eram de nacionalidade brasileira, o mesmo ocorrendo com um homem nascido na China e outro em Formosa. Este fato aponta para uma possível migração por etapas entre estes países e os EUA, passando pelo Brasil. Das duas nascidas na China, uma casou com brasileiro descendente de japoneses e a outra com chinês-americano. Já dentre as seis nascidas em Formosa, uma casou com brasileiro, duas casaram com chineses, e três com chineses-americanos. Ambos os homens, com nacionalidade brasileira mas nascidos na China e em Formosa, casaram-se com brasileiras.

Gráfico 7: Homens e Mulheres Nascidos em Países Asiáticos



Dos gráficos 8 e 9, sobre o Oriente Médio e África, cabe notar a quase total prevalência de homens. No caso africano, chama igualmente a atenção, não apenas o pequeno número de pessoas, mas também que dentre os quatro países (Angola, Nigéria, Moçambique e Marrocos) dois são de língua portuguesa. A baixa frequência de pessoas nascidas na África pode ser entendida em função de vários fatores. Começamos pela pequena presença relativa de negros em San Francisco. Trata-se do menor segmento étnico, com uma participação de 76.343 pessoas, 10,5% do total de habitantes da cidade; no estado da Califórnia esta proporção cai para 7,0%, de

Gráfico 8: Homens e Mulheres Nascidos em Países do Oriente Médio.

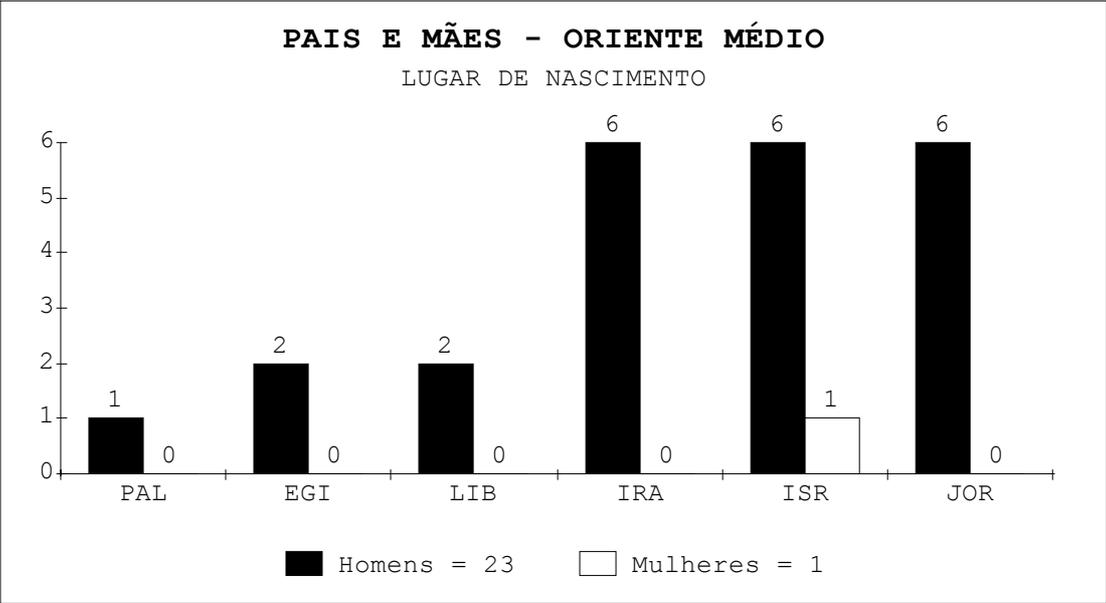
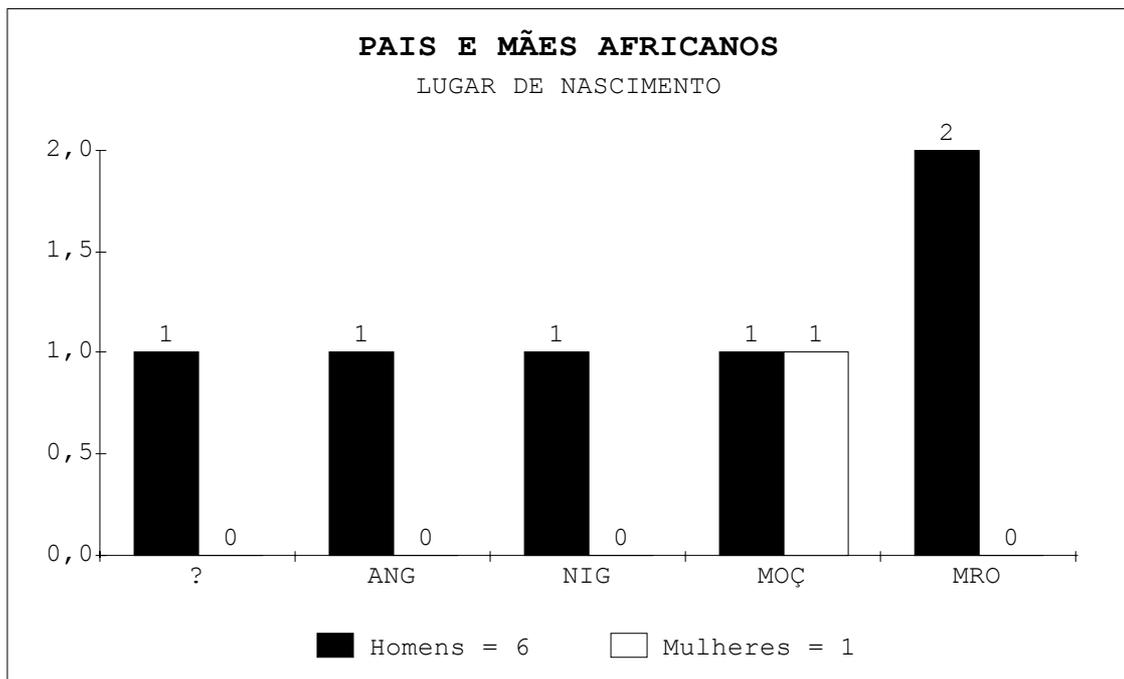


Gráfico 9: Homens e Mulheres Nascidos em Países Africanos

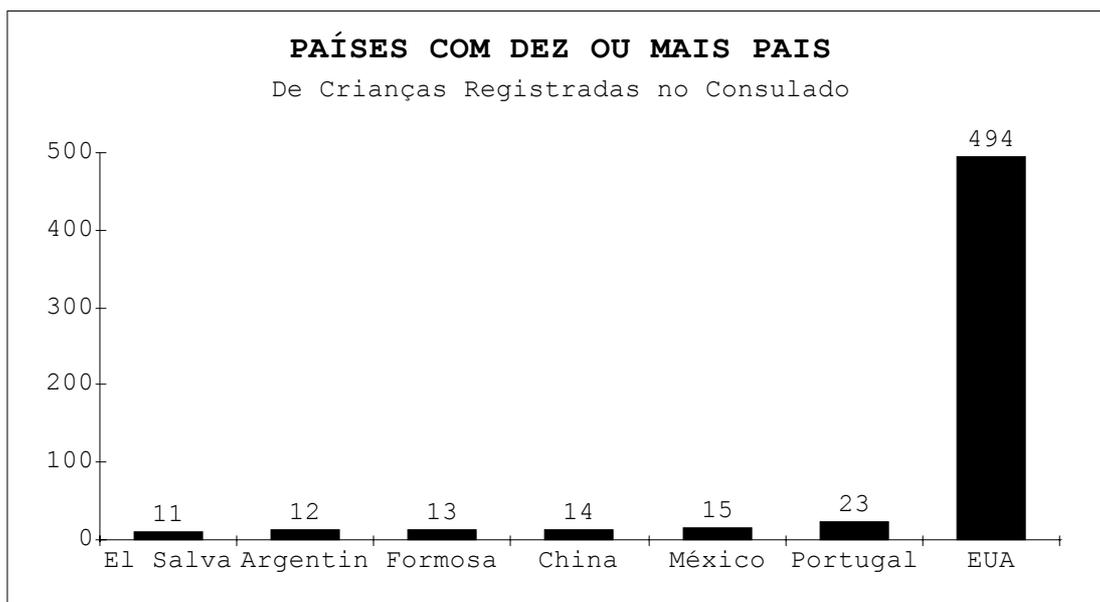


acordo com o Censo de 1990. Outro fator importante, sobre o qual só podemos especular, diz respeito à própria composição da população de migrantes brasileiros. Como não contamos com dados a respeito das raças dos migrantes, podemos apenas levantar a hipótese de que o número de migrantes negros seja baixo, tendo em vista tratar-se de migração marcadamente de classe média e que classe e raça no Brasil são altamente correlacionadas, sendo evidente a maior participação da população negra nos setores de mais baixa renda. Por último, há que mencionar também a possibilidade deste

pequeno número de africanos refletir aspectos das ideologias raciais brasileiras que discriminam negativamente às pessoas de cor negra.

Não é por acaso que, após a óbvia e esmagadora presença de norte-americanos, dos seis primeiros países com maior frequência, o primeiro seja Portugal e os outros três sejam países latino-americanos (gráfico 10). A influência de fatores culturais e linguísticos certamente incide fortemente na escolha de parcerias. A associação entre imigrantes brasileiros, portugueses e demais latino-americanos é passível de ser verificada em outras situações dentro dos Estados Unidos.

Gráfico 10: Países de Nascimento, frequências iguais ou maiores do que dez.



A análise dos dados quantitativos referentes à interetnicidade permite realizar, ainda que brevemente, alguns comentários importantes. Primeiramente, demonstra que o maior contingente de estrangeiros com quem os brasileiros têm filhos é o de nativos do lugar onde residem. Daí o grande número absoluto de californianos. É igualmente notável a importância relativa de mexicanos, salvadorenos e chineses. Assim, tudo indica que os brasileiros, ao pensarem em constituir família, estão abertos às características sociais, culturais e étnicas das populações em que se inserem. O contexto local, portanto, possui um grande peso na determinação destes resultados. Mas, características vinculadas à origem brasileira desta população de migrantes também incidem. Algumas dizem respeito às ideologias interétnicas brasileiras vinculadas às questões da miscigenação e da discriminação. Como dito, esta última pode estar incidindo no baixo número de relações com africanos. Porém, uma taxa de 31% de pais

estrangeiros, em uma população de migração tão recente, é alta o suficiente para poder estar indicando uma tendência dos brasileiros, de acordo com os seus mais poderosos mitos de miscigenação, a evitarem os “enclaves étnicos”. Para Segato (1998: 8), em seu trabalho sobre os paradigmas etno-raciais no Brasil e nos EUA, “no Brasil o paradigma étnico é baseado no englobamento do outro, inclusão é o seu motivo forte, e o mito aqui é o de uma cegueira à cor, de um povo que se inter-relaciona (...) Se a separação é a língua-franca de toda a sociedade nos EUA, de cima a baixo, relação é a chave para o acesso ao ambiente social no Brasil”.

Tendo em vista que o universo quantitativo em questão são Certidões de Nascimento que cobrem um período de 18 anos, seria importante, contudo, verificar o que ocorre com esta tendência a evitar o enclave étnico, com o crescimento da população brasileira ao longo dos anos⁵. Será que com o aumento da população brasileira diminui o índice de relações estabelecidas com estrangeiros? Ou para colocar a questão em jargão antropológico: com o crescimento populacional do segmento brasileiro, o que ocorre com a exogamia? Na verdade a experiência da imigração brasileira é muito recente para sabermos se desembocará em uma situação de integração na estratificação da sociedade americana ou de exacerbação da sua distinção. O fato de ser uma população de origem urbana e de classe média educada, isto é, uma população exposta e acostumada às ideologias da modernidade, pode levar a crer que tenderá a uma maior integração. Em qualquer sistema interétnico, contudo, as ideologias do grupo dominante desempenham papel central. Neste caso, o segregacionismo excludente, que se replica até mesmo através do voto distrital nos EUA, tenderia a se firmar sobretudo em um estado como a Califórnia que nos últimos anos tem radicalizado sua legislação anti-imigrante.

Por último, há que considerar que a segmentação étnica norte-americana implica em uma disputa permanente por visibilidade na cena política, econômica e cultural mais ampla. Em um país onde a “política da identidade”, com os seus diferentes acessos a benefícios públicos e privados, é comandada por uma elite branca e anglo-saxã, os diversos segmentos étnicos tornam visíveis seus pleitos por diferentes heranças culturais para adquirir marcas distintivas e acumular capital político e simbólico como atores internamente a um universo onde é forte a ideologia política do multiculturalismo⁶. Cultura, aqui, adquire sua mais óbvia significação política. Ao congregarem através de manifestações culturais (veja Ribeiro 1998a), atores político-culturais mostram não apenas a riqueza de suas culturas mas também seus números e seus presumidos pesos econômicos e políticos. Entretanto, tudo isto acontece em um contexto historicamente construído, onde as regras das relações interétnicas são formadas em uma seqüência de

⁵ É importante notar aqui que as Certidões de Nascimento, por significarem obviamente que de uma união resultou prole, são mais indicativas da estabilidade dos relacionamentos entre homens e mulheres e da criação de laços mais perenes, do que as Certidões de Casamento. Esta ressalva é necessária diante do conhecido expediente do casamento de conveniência para fins de obtenção de **Green Card**, a residência permanente nos EUA, que pode distorcer fortemente o número de casamentos interétnicos.

⁶ Uma definição drasticamente simplificada de “política de identidade” referir-se-ia ao ambiente, muito típico do universo político e jurídico nos Estados Unidos (mas, evidentemente, não restrito a este país), onde grupos e pessoas, por pertencerem a categorias definidas por gênero, raça, etnia, orientação sexual, etc., podem ter acesso a tratamentos e benefícios diferenciados. Trata-se de uma forma de lutar contra preconceitos e de regular as diferenças políticas e econômicas neles baseadas. Já “multiculturalismo”, categoria político-ideológica bastante próxima à discussão sobre política da identidade, refere-se à necessidade de se considerar a pluralidade e validade das heranças culturais no processo de formação da nação. É um tópico relacionado à questão migratória e à complexidade étnica dela decorrente.

alianças e conflitos mantidos com outros segmentos étnicos e com o Estado-Nação norte-americano. Este mesmo contexto cria os constrangimentos através dos quais os interlocutores válidos têm que navegar para qualificarem-se enquanto atores reconhecidos. Por outro lado, cresce, cada vez mais, um entendimento de que o multiculturalismo implica em uma exotização do outro dominado e a atribuição, por parte dos americanos, do que são as diferenças **essencialmente** legítimas: “o multiculturalismo americano se encarregou de ‘emancipar’ a todo sujeito do Terceiro Mundo mediante a impugnação do ‘branco’ e do eurocentrismo. Baseando-se na reivindicação da ‘diferença’, este multiculturalismo acaba, paradoxicamente, homogeneizando uma diversidade de subjetividades” (Yúdice 1998: 112, veja também Segato 1998).

* * *

Não seriam menores as conclusões permitidas por uma análise comparativa da exogamia de segmentos brasileiros presentes em sistemas interétnicos de outros países. Após análise quantitativa e qualitativa que considere finamente as relações entre interetnicidade no exterior, classe, raça e gênero dos migrantes brasileiros, poderia se estabelecer com clareza a existência de uma tendência à abertura, a uma “miscigenação”, ou ao fechamento, ao “enclave”. Seriam muitas as implicações deste esforço para a discussão sobre as características das ideologias raciais e interétnicas brasileiras e para o futuro político dos emigrantes. A forma como construirão seu espaço de cidadania será marcada pelo resultado destas dinâmicas.

As Ciências Sociais brasileiras estão mais do que preparadas para lançarem-se para fora do país e começar a fornecer interpretações sobre acontecimentos e fenômenos locais que aumentem nossa capacidade de compreender e interpretar o mundo contemporâneo. Efetivamente esta é uma tendência já em curso⁷. Não se trata de abandonar os papéis de analistas e intérpretes da realidade brasileira. Trata-se, sim, de acrescentar a urgente tarefa de criar perspectivas nossas sobre um mundo globalizado, perspectivas baseadas no fértil cruzamento das mais diversas tradições teóricas e metodológicas de diferentes origens com a nossa própria, aperfeiçoada nas últimas décadas de pesquisa e ensino.

⁷ Sobre emigrantes veja-se, por exemplo, os trabalhos de Torresan (1994), Assis (1995). Veja também Oliven (1998) que compara o significado do dinheiro nos EUA e no Brasil. Antropólogos brasileiros têm realizado suas pesquisas de doutorado em diferentes países. Em 1988, completei minha tese de doutorado sobre a hidrelétrica paraguaio/argentina de Yacyretá (Ribeiro 1991). Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1989) escreveu a sua sobre as cortes de pequenas causas em Massachussetts (EUA) e Wilson Trajano Filho (1998) sobre a sociedade crioula da Guiné-Bissau.

BIBLIOGRAFIA

- Achúgar, Hugo e Francisco Bustamante. 1996. "MERCOSUR, intercambio cultural y perfiles de un imaginario". In Néstor García Canclini (org.), *Culturas en Globalización. América Latina-Europa-Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas. Editorial Nueva Sociedad, pp. 127-176.
- Almeida, Bira (Mestre Acordeon). 1986. *Capoeira. A Brazilian Art Form. History, Philosophy and Practice*. Berkeley, California. North Atlantic Books.
- Assis, Gláucia de Oliveira. 1995. *Estar Aqui, Estar Lá... Uma Cartografia da Vida entre Dois Lugares*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Cardoso de Oliveira, Luís Roberto. 1989. *Fairness and Communication in Small Claims Courts*. Dissertação de Doutorado em Antropologia. Universidade de Harvard, EUA.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1976. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo. Livraria Pioneira Editora.
- Canclini, Néstor Garcia. 1989. *Culturas Híbridas. Estratégias para Entrar y Sair de la Modernidad*. México. Grijalbo.
- Elias, Norbert. 1994. "Mudanças na Balança Nós-Eu (1987)". In *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, pp. 127-193.
- Grimson, Alejandro. 1998. *El Otro (lado del río). Producción de significaciones sobre Nación y Mercosur en el periodismo de frontera. Un estudio de caso en Posadas (Argentina)*. Tese de Mestrado em Antropologia. Universidad Nacional de Misiones. Argentina.
- Habermas, Jürgen. 1996. "The European Nation-state - Its achievements and Its Limits. On the Past and Future of Sovereignty and Citizenship". In Benedict Anderson e Gopal Balakrishnan (orgs.), *Mapping the Nation*. Londres. Verso. pp. 280-294.
- Hirst, Paul e Grahame Thompson. 1996. *Globalization in Question. The International Economy and the Possibilities of Governance*. Cambridge, Inglaterra. Polity Press.
- Linger, Daniel T. 1997. "Brazil Displaced: Restaurant 51 in Nagoya, Japan". *Horizontes Antropológicos* 5: 181-203.
- Marcus, George E. 1991. "Identidades Passadas, Presentes e Emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial". *Revista de Antropologia* 34: 197-221.

- Oliven, Ruben George. 1998. "Looking at Money in America". *Critique of Anthropology* 18 (1): 35-59.
- Pieterse, Jan Nederveen. 1995. "Globalization as Hybridization". In Mike Featherstone, Scott Lash e Roland Robertson (orgs.), *Global Modernities*. Londres. Sage Publications, pp. 45-68.
- Ramos, Alcida R. 1995. "Seduced and Abandoned. The Taming of Brazilian Indians". *Série Antropologia* n° 175. Universidade de Brasília.
- Ribeiro, Gustavo Lins. 1991. *Empresas Transnacionais. Um grande projeto por dentro*. Rio de Janeiro/São Paulo. Anpocs/Marco Zero.
- _____. 1992. "Bichos-de-Obra: Fragmentação e Reconstrução de Identidades". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n° 18: 30-40.
- _____. 1996. "Brazilians are Hot, Americans are Cold. A non-structuralist approach to Brazilian Bodies and Carnival in San Francisco's Carnival Parade". Trabalho apresentado na 95ª Reunião da *American Anthropological Association*, San Francisco.
- _____. 1998. "Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, Ambigüidade e Cidadania Transnacional". *Série Antropologia* n° 235, Universidade de Brasília.
- _____. 1998a. "O que faz o Brasil, Brazil. Jogos Identitários em San Francisco, Califórnia". *Série Antropologia* n° 237, Universidade de Brasília.
- Sassen, Saskia. 1991. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press.
- Segato, Rita Laura. 1998. "Two Ethno-Racial Paradigms: Brazil and the U.S.". *Série Antropologia* n° 233. Universidade de Brasília.
- Schmeil, Lilian. 1994. "*Alquila-se una Isla*": *Turistas Argentinos em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Sims, Calvins. 1997. "Brazil is Likely to Wink at Pope's Call to Behave". *The New York Times*, 5 de outubro de 1997.
- Torresan, Ângela Maria de Souza. 1994. *Quem parte, quem fica. Uma Etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Trajano Filho, Wilson. 1998. *Polymorphic Creolehood: the 'creole' society of Guinea-Bissau*. Dissertação de Doutorado em Antropologia. Universidade da Pensilvânia, EUA.

- Werbner, Pnina e Tariq Modood. 1997. *Debating Cultural Hybridity. Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism*. Londres e Nova Jérsei. Zed Books.
- Williams, Brackette F. 1989. "A Class Act. Anthropology and the Race to Nation across Ethnic Terrain". *Annual Review of Anthropology* 18: 401-444.
- Yúdice, George. 1966. "El Impacto Cultural del Tratado de Libre Comercio norteamericano". In Néstor García Canclini (org.), *Culturas en Globalización. América Latina-Europa-Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas. Editorial Nueva Sociedad, pp. 73-126.

SÉRIE ANTROPOLOGIA

Últimos títulos publicados

232. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. Democracia, Hierarquia e Cultura no Quebec. 1997.
233. SEGATO, Rita Laura. Ethnic Paradigms: Brazil and the U.S. 1998.
234. SEGATO, Rita Laura. Alteridades históricas/Identities políticas: una crítica a las certezas del pluralismo global. 1998.
235. RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, Ambiguidade e Cidadania Transnacional. 1998.
236. SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. 1998.
237. RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil. Jogos Identitários em San Francisco. 1998.
238. CARVALHO, José Jorge. A Tradição Mística Afro-Brasileira. 1998.
239. MACHADO, Lia Zanotta. Matar e Morrer no Feminino e no Masculino. 1998.
240. MACHADO, Lia Zanotta. Violência Conjugal: Os Espelhos e as Marcas. 1998.
241. RIBEIRO, Gustavo Lins. Identidade Brasileira no Espelho Interétnico. Essencialismos e Hibridismos em San Francisco. 1998.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília
70910-900 □ Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368
Fone/Fax: (061) 273-3264